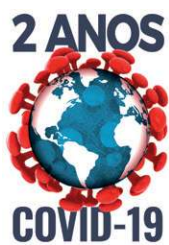


Israel anuncia descoberta de nova cepa, resultante da combinação de duas subvariantes da ômicron. Escritório da OMS nas Américas afirma que aumento de casos em várias partes do mundo é um importante alerta para a região

Mais uma variante no ar



» PALOMA OLIVETO

Em meio ao aumento de casos e mortes por covid-19 na Europa e na Ásia — em Hong Kong, necrotérios estão lotados e faltam caixões nas funerárias (leia mais abaixo) —, o Ministério da Saúde de Israel anunciou uma nova variante do Sars-CoV-2, com dois casos confirmados no país. A cepa, uma combinação de subvariantes da ômicron, a BA.1 e a BA.2, causou sintomas leves nestes pacientes, incluindo febre baixa, dores musculares e de cabeça, informou o governante.

Ainda não se sabe, porém, sobre a virulência da cepa. Em uma entrevista, ontem, a uma emissora local, o diretor-geral da pasta, Nachman Ash, disse que é muito provável que a variante tenha se originado em Israel. Segundo Ash, os dois pacientes testaram positivo ao chegar do exterior, mas o genoma do vírus não foi detectado em nenhuma outra parte do mundo, sugerindo a origem local. Salman Zarka, que coordena a resposta à pandemia no país, afirmou à rádio do Exército que não há motivos de preocupação. “O fenômeno de variantes combinadas é muito bem conhecido e não estamos preocupados que (a nova) leve a casos sérios.”

“A razão pela qual as variantes surgem é porque elas se encaixam melhor em seu ambiente do que a anterior, que é superada”, explica Jasmine Plummer, professora de Ciências Biomédicas do Centro Cedars-Sinai de Bioinformática e Genômica Funcional, nos EUA. Ela destaca que, no geral, novas cepas são mais virulentas. “Como você supera outra variante? Você transmite para mais pessoas. E, para transmitir para mais pessoas, você se torna mais contagioso. Todas as variantes dominantes que surgiram foram cada vez mais infecciosas. É quase certo que a próxima que surgir será mais infecciosa”, afirma.

Plummer ressalta que não se pode afirmar quando uma nova cepa se tornará pandêmica, mas ela diz que, ao vacinar a população, é possível manter variantes futuras menos contagiosas. “Mesmo que sejam mais contagiosas, temos as vacinas para ajudar. É como aconteceu com a gripe. Entramos em uma situação em que temos novos

STR / AFP



Funcionários desinfectam shopping na província chinesa de Shaanxi: 30 milhões de pessoas estão confinadas no país

reforços e novas vacinas com antecedência, antecipando-nos às novas variantes.”

Infeções

Ontem, a Organização Pan-Americana da Saúde (Opas), escritório regional da Organização Mundial da Saúde (OMS), alertou que o aumento de infecções por covid em várias partes do mundo é um aviso para as Américas de que o vírus não está sob controle, apesar da diminuição de casos na região. O vice-diretor da Opas, o brasileiro Jarbas Barbosa, destacou que os casos aumentaram 28,9%, na semana passada, no Pacífico Ocidental (que inclui a China); 12,3% na África e 2% na Europa, comparado à semana anterior.

“As infecções e mortes por covid-19 estão diminuindo na maior parte de nossa região, mas ainda há muitos casos e mortes sendo relatados todos os dias — uma indicação clara de que a transmissão ainda não está sob controle”, ressaltou Barbosa, em uma coletiva de imprensa. “Desde que o vírus chegou às Américas, há dois anos, 149 milhões de casos foram relatados e 2,6 milhões

Geraldo Magela/agência Senado



A transmissão ainda não está sob controle”

Jarbas Barbosa, vice-diretor da Opas

de pessoas morreram.” O representante da Opas também destacou que, na contramão do restante da região, o Caribe e as ilhas do Atlântico registraram um aumento de casos em 56,6%. O diretor-geral da OMS, Tedros Ghebreyesus, também

falou, ontem, sobre a pandemia. “Não acabou. Os países precisam continuar vigilantes”, disse.

Na Europa, metade dos países também teve aumento no número de infectados na semana passada, segundo dados do Centro de Recursos sobre o Coronavírus Johns Hopkins, nos EUA. Na Finlândia, o crescimento foi de 84%, com 62,5 mil novos casos registrados no período. Na Suíça e no Reino Unido a elevação também foi expressiva: 45% (182.190) e 31% (414.480), respectivamente. Na França, em 15 de março, a média diária de novas infecções pulou para 66.460, comparado a 50.215 dos sete dias anteriores. Áustria, Bélgica, Alemanha e Itália também apresentam percentuais crescentes. No continente, a subvariante BA.2 está se disseminando rapidamente.

A situação na Ásia é considerada preocupante por autoridades de saúde. Na quarta-feira, a Coreia do Sul registrou 400.741 novos casos, o maior número no país desde o início da pandemia, há dois anos. A maior parte da população foi vacinada e já recebeu a dose de reforço. O número de mortes provocadas pelo coronavírus, por sua vez, permanece baixo.

Em Hong Kong, porém, a mortalidade aumentou 5,78% na última semana, e o reflexo disso é sentido pela população. Segundo a agência de notícias France Presse, profissionais de saúde do território autônomo começaram, ontem, a armazenar corpos de vítimas da covid em contêineres refrigerados, devido à falta de espaço nos necrotérios. Nos últimos três meses, desde o surgimento da ômicron, foram registrados quase 1 milhão de infecções e 4,6 mil óbitos. Na China continental, 30 milhões estão confinadas, depois do registro de 3 mil novos casos diários.

Adam Luring, microbiólogo e imunologista da Universidade de Michigan, destaca que, apesar de, no geral, o número de casos no mundo ter reduzido, e de 63,8% da população ter recebido ao menos uma dose de vacina, ainda não se pode pensar em imunidade de rebanho. “Essa situação acontece quando há imunidade suficiente, seja por vacinação ou infecção anterior, de forma que o vírus não pode causar uma epidemia ou surto. Acho que não chegamos a essa fase”, diz.

Diabetes pode ser sequela

Uma nova pesquisa publicada na revista *Diabetologia*, o jornal da Associação Europeia para o Estudo do Diabetes, sugere uma possível associação entre casos leves de covid-19 e o diagnóstico subsequente de diabetes tipo 2. A análise de registros de saúde de 1.171 pacientes na Alemanha, descobriu que os adultos que se recuperaram, principalmente, da forma branda da infecção parecem ter um risco significativamente maior de desenvolver uma condição metabólica tipo 2 do que um grupo de controle, teve outros tipos de infecções respiratórias virais.

Se confirmados, esses resultados indicam que a triagem de diabetes em indivíduos após a recuperação de formas leves de covid-19 deve ser recomendada, dizem os pesquisadores. Essa potencial ligação entre a doença infecciosa e a metabólica está sendo investigada por vários grupos de pesquisa que analisam os sintomas da covid longa.

Estudos anteriores observaram que a inflamação causada pelo Sars-CoV-2 pode danificar as células beta produtoras de insulina, fazendo com que morram ou mudem a forma como funcionam, resultando em hiperglicemia aguda (glicose alta no sangue). Acredita-se que uma possível causa é o fato de os tecidos se tornarem menos reativos à substância devido à inflamação. Estilos de vida sedentários também podem desempenhar um papel. Segundo os autores, isso pode explicar por que a hiperglicemia de início recente e a resistência à insulina foram relatadas em sobreviventes da infecção, sem histórico prévio de diabetes.

No entanto, não está claro se essas alterações metabólicas são temporárias ou se pessoas com covid podem ter maior risco de desenvolver diabetes crônica. Além disso, faltam estudos que investiguem a incidência da doença após a recuperação da infecção por Sars-CoV-2 em casos leves.

Acompanhamento

Agora, os pesquisadores alemães, da Universidade Heinrich Heine, descobriram que novos casos de diabetes tipo 2 eram mais comuns em pacientes que testaram positivo para covid-19 do que aqueles com outras infecções virais (15,8 vs 12,3 por 1 mil, anualmente). Isso significa que o risco relativo de desenvolver o distúrbio metabólico no grupo do Sars-CoV-2 foi 28% maior.

“Como os pacientes foram acompanhados apenas por cerca de três meses, é necessário um acompanhamento adicional para entender se o diabetes tipo 2 após a covid leve é apenas temporário e pode ser revertido após a recuperação total, ou se isso leva a uma condição crônica”, destaca um dos autores, Wolfgang Rathmann. Os responsáveis pelo estudo recomendam que qualquer pessoa que se recupere da infecção esteja ciente dos sinais e sintomas de alerta, como fadiga, micção frequente e aumento da sede, e procure tratamento imediatamente.

Sintomas cognitivos persistentes

Cerca de 70% dos pacientes de covid longa apresentam dificuldades de concentração e problemas de memória vários meses depois da infecção por Sars-CoV-2, segundo um estudo da Universidade de Cambridge, no Reino Unido. As pessoas que levaram mais tempo para curar da infecção apresentaram o pior desempenho em testes cognitivos e 75% daquelas com sintomas contínuos graves da doença relataram que não conseguiram trabalhar por um período prolongado.

O estudo foi realizado com 181 pacientes de covid longa e foi publicado, ontem, na revista *Frontiers in Aging Neuroscience*. Entre os participantes, 78% relataram dificuldade de concentração; 69%, confusão mental; 68%, esquecimento; e 60%, problemas para encontrar a palavra certa na fala. Esses sintomas autorrelatados foram refletidos no resultado dos testes cognitivos,

onde os pacientes apresentaram uma capacidade significativamente menor de lembrar vocábulos e imagens.

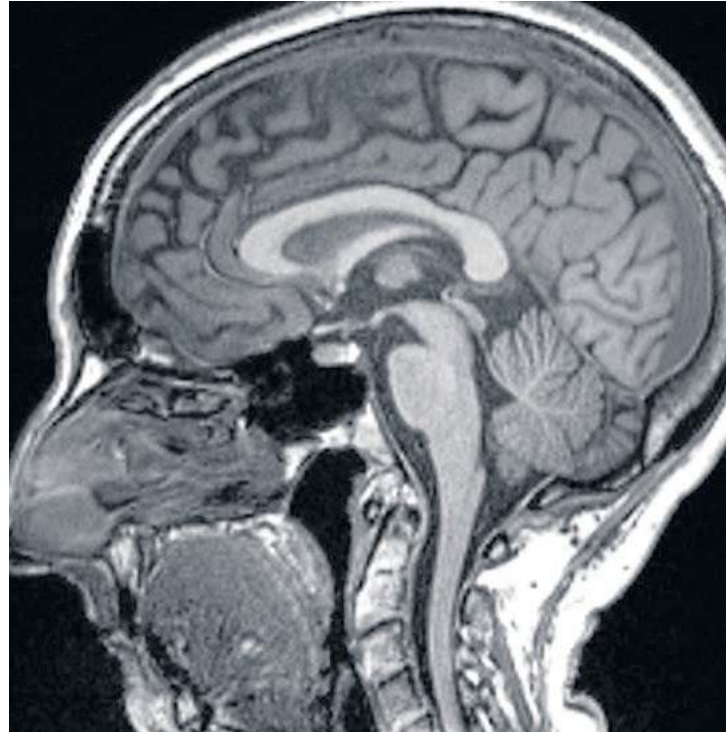
Para ajudar a entender a causa dos problemas cognitivos, os pesquisadores analisaram outros sintomas que podem estar associados. Eles descobriram que as pessoas que sofreram de fadiga e sintomas neurológicos, como tontura e dor de cabeça, durante a doença inicial, eram mais propensas a apresentar problemas cognitivos mais tarde. Os cientistas também constataram que aqueles com sequelas no sistema nervoso central se saíram particularmente mal nos testes cognitivos.

Preocupante

“Essa é uma evidência importante de que, quando as pessoas dizem que estão tendo dificuldades cognitivas pós-covid, elas não são necessariamente o resultado

de ansiedade ou depressão”, disse, em nota, Muzaffer Kaser, pesquisador do Departamento de Psiquiatria da Universidade de Cambridge. “Os efeitos são mensuráveis — algo preocupante está acontecendo”, alertou o psiquiatra. “Dificuldades de memória podem afetar significativamente a vida diária das pessoas, incluindo a capacidade de executar seu trabalho adequadamente.”

Entre as descobertas, está a de que, mesmo entre aqueles que não foram hospitalizados, os sobreviventes que apresentaram sintomas iniciais mais severos da doença infecciosa eram mais propensos a ter uma variedade de sinais da covid longa, incluindo náusea, dor abdominal, aperto no peito e problemas respiratórios, semanas ou meses depois. Essas condições foram mais brandas em jovens com menos de 30 anos e pacientes cuja enfermidade inicial foi leve. (PO)



Exames de imagem mostram alterações pela infecção